

Entrevista

A IAMCR e a evolução da pesquisa internacional em comunicação

Kaarle Nordenstreng
kaarle.nordenstreng@uta.fi

Entrevista concedida a Sonia Virgínia Moreira (UERJ/Intercom)*

RBCC – Professor Nordenstreng, a sua trajetória na academia está muito ligada à IAMCR (International Association for Media and Communication Research), da qual foi vice-presidente durante vários anos. Em 2007 a associação completa 50 anos com um evento especial em Paris. O quê destacaria sobre esse período, essa experiência?

Kaarle Nordenstreng – Para mim, particularmente, a IAMCR foi uma grande janela para o mundo da pesquisa em Comunicação. Hoje falamos tanto em redes de pesquisa, e posso dizer que a associação foi o canal mais importante para que eu me ligasse à comunidade internacional de pesquisadores. O primeiro encontro do qual participei foi em 1966, na ex-Iugoslávia, um local de férias de verão localizado em uma praia no norte do mar Adriático. Naquela conferência encontrei pela primeira vez algumas pessoas que foram cruciais para a minha vida acadêmica. Entre eles estavam pesquisadores americanos como George Gerbner, Herbert Schiller e Alex Edelstein, bem como estudiosos da Rússia – então União Soviética – e da própria Iugoslávia. Entre estes, Herbert Schiller se tornou um amigo, foi muito importante para minha evolução como pesquisador, bem como George Gerbner, na época

* Jornalista, professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, diretora de relações internacionais da Intercom (2005-2008), ex-presidente da Intercom (2002-2005). E-mail:soniavm@terra.com.br

ele dirigia uma escola de Comunicação na Filadélfia e convidou-me para várias conferências sobre comunicação internacional. Como editor do *Journal of Communication*, também me pediu várias contribuições. Como vê, foi um fantástico *upgrade* de um jovem pesquisador para o, digamos, *jet-set* da pesquisa internacional de Comunicação. Ainda que naquele momento muitas dessas pessoas não fossem tão conhecidas, tão proeminentes; estavam com suas carreiras em um movimento de ascensão para posições de destaque no mundo da academia. De certa forma, tive a oportunidade de crescer junto com eles, naquilo que de brincadeira chamávamos de “máfia da pesquisa mundial de comunicação”. Por isso foi muito importante participar da IAMCR naquele período, mesmo sem ocupar cargo algum na associação. Um dos meus professores na Finlândia foi eleito naquele ano, 1966, para o conselho internacional da IAMCR.

RBCC – *Mas a sua atuação como vice-presidente durante vários anos foi fundamental para a IAMCR. Como tudo começou?*

Kaarle Nordenstreng – Seis anos depois do evento na Iugoslávia, em 1972, durante a Conferência da IAMCR em Buenos Aires, fui eleito para uma das vice-presidências da associação. Naquela época, eram vários vices: entre 10 e 12 pesquisadores atuavam como vice-presidentes. Antes disso servi como instrumento de manobra para que o suíço Jacques Bourquin, de Lausanne, deixasse a presidência da IAMCR, e que em seu lugar fosse eleito o britânico James Halloran. Devo admitir que havia uma certa resistência da parte de alguns membros da IAMCR da Europa Oriental em relação a Halloran: muitos duvidavam do seu ecumenismo, achavam que ele não teria a neutralidade necessária para tratar de várias questões. Como eu era finlandês, em quem esses associados confiavam mais, tive que persuadi-los de que Halloran poderia ser um bom nome para a presidência da IAMCR naquele momento. Assim, tive a chance de desempenhar funções nos bastidores, tornei-me como que um “fazedor de rei”. Mais tarde, na conferência de 1988, em Barcelona, quando Cees Hamelink, da Holanda, foi eleito presi-

dente, eu e meus colegas finlandeses desempenhamos novamente um papel crucial para a saída de Halloran. Muitos associados acreditavam que ele estava há tempo demais na presidência e tivemos que convencer Hamelink e Hamid Mowlana a disputarem a presidência, o que eles fizeram. Hamelink foi eleito e, mais tarde, Mowlana também. Os dois tiveram o apoio desse conselho informal finlandês para suceder a “era Halloran”. Foi assim que desempenhei um papel nesses jogos de poder da IAMCR. Mas é importante assinalar que o período de Halloran na presidência foi importante para o estabelecimento de redes de pesquisa internacionais e o desenvolvimento de projetos conjuntos entre pesquisadores de vários países.

RBCC – Nesse sentido, qual foi exatamente a importância da IAMCR no que se refere à internacionalização da pesquisa em Comunicação, a partir dali executadas de maneira conjunta?

Kaarle Nordenstreng – Posso dizer que a IAMCR operava sobre três eixos fundamentais em relação à pesquisa em Comunicação: oferecendo aos pesquisadores a oportunidade de participar de redes, de desenvolver projetos de pesquisa e de participar dos primeiros estudos da Unesco na área da Comunicação. Em primeiro lugar, a associação atuou como facilitadora – no final dos anos 1960 e início dos 1970 – para os projetos da Unesco relativos à redefinição de políticas de comunicação que resultaram em recomendações de caráter internacional. Esses podem ser considerados os primeiros anos da pesquisa no campo da comunicação internacional. A Unesco, identificada com os propósitos democráticos da própria constituição das Nações Unidas, com representantes de todos os países, chegou à conclusão no final dos anos 1960 de que era o momento de levar o campo da Comunicação a sério, e definir novas políticas de pesquisa. A IAMCR, com Halloran à frente, foi convidada para coordenar essa iniciativa da Unesco, quando foi montado um conselho específico de consultores em pesquisa da comunicação. Desse conselho faziam parte pesquisadores como Luiz Ramiro Beltrán, pela América Latina, e especialistas de outras

partes do mundo. Esse grupo foi preparado para uma conferência em Montreal, em junho de 1969, organizada por Halloran e seus amigos na IAMCR. Foi uma maneira de a IAMCR auxiliar a Unesco a se mobilizar no estabelecimento das diretrizes para a pesquisa em Comunicação. Essa foi a primeira atividade conjunta entre a Unesco e a IAMCR, e aconteceu em um momento que eu já estava envolvido com a associação. Em segundo lugar, a IAMCR atuou junto com a Unesco em uma pesquisa sobre comunidade e comunicação, publicada na série da Unesco. Tratava do papel da comunicação em comunidades de diferentes países. Vários participaram desse projeto: lembro-me em especial do Líbano, porque o levantamento foi feito um pouco antes de a guerra explodir naquele país nos anos 1970. Foi uma tragédia, porque o estudo não pôde ser finalizado: transformou-se em uma espécie de documento sobre o desastre que foi a guerra para os libaneses, quando as pessoas foram fisicamente retiradas das suas comunidades. Essa foi a segunda ação concreta conjunta, financiada pela Unesco e realizada pela IAMCR. A terceira ação conjunta, que gerou a segunda pesquisa realizada, foi sobre a imagem do mundo no noticiário internacional de 29 países, um estudo indicado para financiamento pelo conselho da Unesco para que a IAMCR executasse.

RBCC – Essas foram, além das primeiras, as principais iniciativas da Unesco naquele momento e naquele contexto?

Kaarle Nordenstreng – A Unesco foi um parceiro engraçado. No começo da parceria com a IAMCR, entre as décadas de 1960 e 1970, a Unesco era muito dinâmica e ativa, requisitava com frequência a associação para participar de projetos conjuntos. No final dos anos 1970 ficou como que paralisada politicamente pela controvérsia entre norte-sul e leste-oeste. Antes mesmo do Relatório MacBride já aconteciam algumas confrontações devido às declarações da Unesco sobre a mídia de massa. O fato é que a Unesco foi convocada, por uma resolução dos países membros, para preparar (ou recomendar) uma declaração sobre o uso da mídia para a paz e contra a propaganda de guerra, o apartheid, o racismo etc.

Seria uma espécie de instrumento normativo geral. Isso inflamou os setores da mídia, especialmente as organizações privadas do ocidente. Todos ficaram especialmente preocupados com outra iniciativa da Unesco relativa a políticas de comunicação, como a promoção de políticas como método para se fazer um uso sistemático da mídia ou da comunicação para o desenvolvimento, porque isso afetava as organizações. Os lobbies da indústria de mídia, na defesa da liberdade de imprensa, ficaram preocupados, primeiro porque acreditavam que deveriam atender às resoluções da Unesco para a mídia e, em segundo lugar, porque deveriam estabelecer políticas sistemáticas para os meios de comunicação. Para eles, os dois casos pareciam tratar de um “absolutismo ideológico” contra a liberdade de expressão. No mesmo campo da mídia, alguns jornalistas também estavam receosos com a possibilidade de a Unesco estar se transformando em uma “cortina de ferro” para limitar a liberdade de imprensa. Nessa conjuntura, o campo da pesquisa em comunicação, que era mais neutro, sem um predomínio ideológico, tornou-se mais controverso. O Relatório MacBride foi uma espécie de compromisso, a base para a discussão dessa questão. Acontece que as iniciativas foram retiradas dos pesquisadores da área acadêmica - onde a IAMCR desempenhava um papel central - e transferidas para um terreno mais político intitulado Comissão MacBride. Não eram políticos, mas especialistas de vários países. O debate começou bem, mas depois a situação ficou crítica porque a Unesco se firmou como um canal para o movimento dos países não-alinhados nos anos 1970. Eles é que trouxeram a idéia de uma nova ordem mundial da informação. Isso deu origem a um “ataque cultural” por parte dos países ocidentais. Eu analisei o histórico daquele debate global sobre a mídia em um artigo publicado em 2005 em Barcelona, como parte de um especial sobre os 25 anos do Relatório MacBride. Toda a controvérsia gerada por essa situação culminou com a saída dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha da Unesco, o que levou a IAMCR a uma espécie de marginalização porque era parceira da Unesco. Naquele momento, a própria Unesco não tinha verbas para investir em pesquisas de Comunicação e a IAMCR deixou de ser considerada uma parceira interessan-

te. A partir daí, a relação entre Unesco e IAMCR passou de próxima para distante.

RBCC – *E o que esse distanciamento significou para a IAMCR: foi bom, ruim, abriu outras frentes?*

Kaarle Nordenstreng – É difícil dizer se foi bom ou ruim. Foi ruim no sentido de que a IAMCR deixou de ser tão influente, já que não desempenhava mais aquele papel central na pesquisa em Comunicação ocupado nos projetos com a Unesco. Mas foi bom porque a IAMCR se tornou mais independente, não poderia ser mais considerada como um “departamento” da Unesco. Como vê, há prós e contras a esse respeito. Eu, pessoalmente, sinto pelo fato de a IAMCR não poder ter feito mais no campo da pesquisa em Comunicação em parceria com a Unesco. Mas o fato é que, naquela época, a Unesco fez outra coisa que complicou a situação. Depois do Relatório MacBride foi feita uma revisão da área de pesquisa e toda a parte de políticas de comunicação foi eliminada. De certa forma para atender às demandas dos países do ocidente, a Unesco deixou de falar em uma nova ordem mundial da informação e da comunicação para tratar de liberdade de imprensa: a política de pesquisa sofreu uma mudança de 180 graus. Nesse movimento foi criado um novo órgão, chamado Orbicom, que se transformou em uma espécie de rede das cátedras Unesco de Comunicação, criadas principalmente a partir da década de 1980. O fato é que o Orbicom também se transformou em uma espécie de associação de pesquisadores de Comunicação, o que era natural, mas significava uma organização paralela à IAMCR. Tudo ficou muito confuso: ao mesmo tempo em que provia com muito dinheiro o Orbicom, a Unesco destinava pouco dinheiro para a IAMCR. Com isso ninguém sabia onde estava realmente a plataforma da Unesco para a pesquisa em Comunicação. Foi um momento muito confuso para a pesquisa internacional.

RBCC – *De que forma esse quadro afetou a participação dos pesquisadores e a pesquisa em Comunicação?*

Kaarle Nordenstreng – Se alguém em 1988 quisesse participar de uma associação de Comunicação, como eu em 1966 quando fui para a IAMCR, seria difícil porque o quadro estava confuso naquele período: havia a IAMCR, a ICA (International Communication Association), o Orbicom. Além de associações mais recentes, como Alaic (Associação Latino-americana de Investigadores da Comunicação), a Amic (Associação Mexicana de Investigadores da Comunicação), entre muitas outras. É importante dizer que essas associações regionais sempre tiveram o apoio da IAMCR, da Unesco e de outros organismos, tratava-se de uma emancipação natural do campo da pesquisa, uma consolidação do campo de acordo com áreas geopolíticas. Também é interessante registrar que a IAMCR sempre se considerou mais como uma federação das associações regionais. O fato é que a confusão se estabeleceu pela diversidade de associações que surgiram na época. Os americanos dominavam a ICA, a Unesco e o Orbicom, já a IAMCR era, digamos, independente. Essa situação confusa prevalece até hoje, o que é muito ruim para a pesquisa em Comunicação em nível mundial, que deixa de ter um órgão principal que atue claramente em defesa da causa comunicacional. As ações estão pulverizadas nesses vários organismos, nas várias associações da área.

RBCC – *Não existe um fórum internacional que trate dos assuntos de interesse dos pesquisadores em Comunicação...*

Kaarle Nordenstreng – Exatamente, não existe um fórum internacional com essas características e a divisão se mantém no campo. O que defendo é um instrumento como existe no caso dos cientistas sociais, por exemplo, que têm um órgão muito forte e atuante na defesa do seu campo, da mesma forma que os bibliotecários, que se organizam por meio da Federação Internacional das Associações de Bibliotecários. Na área de Comunicação convivemos com uma situação caótica.

RBCC – Ainda nesse contexto, seria possível traçar um mapa do que está sendo feito, em termos internacionais, na pesquisa em Comunicação – quem está trabalhando, onde, com que temática etc.?

Kaarle Nordenstreng – Claro que uma coisa é trabalhar com a pesquisa em comunicação internacional como objeto; outra coisa é desenvolver projetos no âmbito das estruturas regionais, como a Alaic ou a Felafacs, se pensarmos na América Latina, ou a própria IAMCR, ICA etc. São todas diferentes modalidades de associações de pesquisa em Comunicação. Mesmo que a organização do campo da pesquisa esteja confusa, há vários projetos internacionais atualmente em execução em vários países, que significam promessas e podem ser considerados inspiradores; apesar da confusão reinante no campo das organizações institucionais. O importante neste aspecto, para responder à sua pergunta, é que não existe ninguém responsável pela coleta do que está sendo feito na área internacional da Comunicação, não há uma referência para trabalhos do campo. Se alguém precisa desse tipo de informação precisa descobri-la em bancos nacionais de dados, bibliotecas ou serviços de informação. Apenas em alguns casos existe instituições do gênero. Nos países nórdicos, por exemplo, o Nordicom (Nordic Information Centre for Media and Communication Research) reúne muitas informações, e além de funcionar como um centro de documentação publica uma revista científica e alguns livros, mas basicamente opera como um centro de dados com informações confiáveis sobre quem está fazendo o quê e o que foi publicado na área. Ali podemos saber exatamente qual é o status da pesquisa de Comunicação, por exemplo. De qualquer forma, somos uma exceção: não existe nada parecido na Europa central ou na Europa oriental. Mesmo nos Estados Unidos não existe um tipo semelhante de serviço de documentação que reúna o conhecimento, de forma centralizada, sobre o campo da Comunicação. Na Ásia, o Amic (Asian Media Information and Communication Centre) possui algo semelhante e mesmo assim reúne apenas parte das informações da região. Na África, existia o African Council for Communication Education (ACCE), sediado em Nairobi, mas que

praticamente se desintegrou nos últimos anos. Nos países árabes tampouco existe um centro de documentação para a área de Comunicação.

RBCC – Houve alguma iniciativa, ou algum projeto, que contemplasse a criação desses centros de documentação em vários países?

Kaarle Nordenstreng – Ainda na época em que a Unesco investia pesado no campo da pesquisa em Comunicação, no início da década de 1970, uma das recomendações do grupo de especialistas, do qual eu fazia parte em 1971, foi no sentido de se estabelecer uma rede global de centros de documentação. Em cada região haveria um centro de documentação: na América Latina seria o Ciespal, no Equador; na Escandinávia seria o Nordicom. Mas se observarmos, hoje, veremos que apenas o Nordicom e o Amic estão atuantes. Não tenho certeza se o Ciespal continua funcionando com a mesma base de dados. Havia um conceito muito bom, chamado Comnet – sigla para Global Network of Communication Research Documentation – que previa que esses centros regionais de documentação trabalhariam com bases de dados compatíveis. Esse projeto não se materializou porque a Unesco suspendeu o seu financiamento e abandonou sua coordenação. Entendo que essa é uma das histórias de fracassos da Unesco, de ações que estavam previstas, mas que não se concretizaram. Até mesmo o centro de documentação da própria Unesco, em Paris, foi desativado. Se hoje fosse realizada uma avaliação externa internacional da Unesco, semelhante àquelas realizadas nas universidades, o resultado seria devastadoramente negativo – e o Comnet estaria entre os motivos para tal resultado.

RBCC – No Brasil, ainda hoje não temos um centro de documentação nos moldes em que o senhor apresenta. O que conhece do que realizamos aqui?

Kaarle Nordenstreng – Na verdade tenho informações que são superficiais sobre o Brasil. Conheço algumas pessoas, como José Marques de Melo, Margarida Kunsch e alguns outros pesquisado-

res. Mas eu gostaria de dizer que estou impressionado com o nível dos pesquisadores brasileiros. Eles não estão trabalhando isolados e, ainda que não estejam presentes em plataformas internacionais, parecem estar acompanhando as tendências e debates mundiais. É realmente impressionante o que tem sido publicado aqui no campo da Comunicação e do Jornalismo, tanto no que diz respeito a revistas científicas como a livros. Durante esta conferência internacional organizada pela SBPJor, em Porto Alegre, fiquei espantado com a variedade de títulos publicados. Não leio em português, mas com a ajuda do latim posso ter uma idéia da abordagem pelos títulos. Talvez não exista um bom sistema de documentação no Brasil, mas a produção científica impressiona, a qualidade dessa produção é um dado a destacar.

RBCC – Talvez a maior dificuldade seja provocada por essa ausência de centros de informações.

Kaarle Nordenstreng – Sim, mas pelo menos existem as revistas científicas, como a *Revista da Intercom*, que de alguma forma compartilham referências comuns. A *Brazilian Journalism Research*, editada em inglês, surpreende. Talvez não beneficie tanto os pesquisadores brasileiros, mas é importante para a divulgação no exterior. Da mesma forma os congressos anuais da *Intercom*, que reúnem mais de quatro mil participantes, é uma coisa fantástica. Talvez os associados não se dêem conta, mas isso mostra ao resto do mundo que há no Brasil uma produção científica a ser respeitada, há trabalhos que estão na vanguarda da comunidade da pesquisa em Jornalismo.

RBCC – Mas a pesquisa brasileira em Comunicação ainda não pode ser considerada conhecida no exterior. O que fazer para superar essa situação?

Kaarle Nordenstreng – Acredito que uma das primeiras ações para superar essa situação seria promover melhor aquilo que já é produzido internamente no Brasil. E essa divulgação deveria incluir bibliotecas da América Latina, da África, da Ásia e, especialmente,

as publicações científicas americanas, geralmente ligadas às maiores escolas de Comunicação nos Estados Unidos. Seria importante também que fosse feita uma campanha junto aos pesquisadores brasileiros para que se associassem a entidades internacionais ou participassem das conferências regulares, promovidas a cada ano pelas associações de comunicação de massa na América do Norte, na Europa, em vários países. Participar dessas conferências e conhecer o trabalho de associações ativas como a IAMCR seria uma forma de começar a interagir em rede, por exemplo.

RBCC – Voltando a falar da IAMCR: qual é o perfil dos pesquisadores associados hoje? De onde vêm, em que áreas de pesquisa estão interessados?

Kaarle Nordenstreng – Não sei precisar quantos associados a IAMCR tem hoje, porque há dois tipos de filiação – individual e institucional, além dos associados continentais representados por associações como a Alaic, Amic e associações européias, por exemplo. Os números relativos aos associados individuais e institucionais não chegam a impressionar e mudam muito a cada ano. Eu diria que a referência em termos individuais seria algo em torno de dois mil e em termos institucionais cerca de 100 associados. Nesse conjunto não estão representados todos os países do mundo – a África e o Oriente Médio, por exemplo, não estão representados e geralmente esperamos que as pessoas se associem espontaneamente. O importante é que a IAMCR é a associação mais representativa no campo das associações de comunicação e mídia. Não existe outra associação que tenha a mesma estrutura genuinamente global, que inclui três idiomas oficiais (inglês, francês e espanhol). A ICA, baseada nos Estados Unidos, usa apenas o inglês e os seus associados são predominantemente americanos. Que eu saiba não tem nem mesmo projeto para trabalhar com múltiplos idiomas.

RBCC – Para finalizar: quais são, em sua opinião, as perspectivas internacionais que se apresentam para o campo dos estudos de Comunicação, tomando como base as conferências da IAMCR?

Kaarle Nordenstreng – Muitos associados da IAMCR não são especialistas em comunicação internacional – eu diria que são mais pesquisadores de gênero e de mídia em contextos nacionais, ou trabalham com pesquisas sobre mídia e novas tecnologias em espaços nacionais. Poucos fazem pesquisas comparadas internacionais. Eu diria, assim, que mais da metade dos associados da IAMCR, apesar de não trabalharem diretamente com pesquisas em comunicação internacional, estão interessados no contexto internacional no sentido de construir uma plataforma internacional que permita a circulação de estudos sobre condições nacionais. Mesmo assim, há um número significativo de pesquisadores interessados em comunicação internacional, trabalhando com estudos comparados de notícias ou a circulação de programas de televisão ou, ainda, com a globalização dos meios de comunicação e seus efeitos. Os pesquisadores que hoje estudam a comunicação internacional trabalham com uma variedade de tópicos, a maioria deles os mesmos estudados ao longo dos anos. Um tema que merece atenção hoje é sem dúvida a globalização – as conseqüências legais, econômicas, culturais e de desenvolvimento que afetam os sistemas nacionais de comunicação. Ou seja: junto com os projetos que tratam da comunicação internacional são estudadas as características nacionais. Um exemplo interessante tem a ver com a União Européia: os cerca de 30 países da comunidade são unidades nacionais que operam cada vez mais integradas e isso inclui o campo da comunicação. Alguns pontos – como copyright, concorrência de mídia e limitação legal de concentração dos meios – não são considerados somente com base em legislações nacionais, mas no contexto da mídia na União Européia. Um exemplo disso é o conteúdo de televisão; há agora uma lei que exige que um maior percentual da programação das emissoras seja de origem européia e não apenas americana, japonesa etc. É uma medida protecionista da cultura européia. Hoje também há estudos que tratam do que pode ser considerado nacional ou internacional. Antes era tudo muito mais simples e claro: era nacional tudo aquilo produzido em um país e internacional tudo que viesse do exterior. Hoje a Europa funciona mais como uma nova super-nação, assim como os Estados Unidos – o que conta não é apenas a Califórnia ou

Oklahoma, mas o país todo. Eu diria que vivemos hoje nos Estados Unidos da Europa... Sob esse aspecto, os conceitos de nacional e internacional estão em mutação, e é uma problemática que se apresenta. Mas, voltando à pesquisa em comunicação internacional, um dos assuntos mais freqüentes hoje diz respeito à concepção do quadro legal e regulatório, como a comunicação internacional está mudando a regulação ou como a internet está operando de forma a mesclar, a tornar difusa a antiga idéia do que seja um meio de comunicação. O conceito de nação está se tornando problemático, assim como o conceito dos meios: o que é rádio e TV no ambiente da internet – *webradio* e *webtv* são a mesma coisa? Ou os jornais, nas suas versões online? Trata-se de uma nova arena criada pelo desenvolvimento político e tecnológico. Nesse aspecto, a comunicação internacional está, de certa forma, estudando um ambiente em mutação, que irá alterar a forma como entendemos o que é internacional.

Quem é Kaarle Nordenstreng



Professor do Departamento de Jornalismo e Comunicação de Massa da Universidade de Tampere, na Finlândia, Kaarle Nordenstreng há décadas é um pesquisador com trânsito em círculos acadêmicos e profissionais de vários países. Interessado nos estudos da teoria da Comunicação, da comunicação internacional e de ética da mídia, Nordenstreng esteve no Brasil, em dezembro de 2006, como um dos convidados da Brazilian Journalism

Conference, o primeiro evento internacional organizado pela Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor, oportunidade em que concedeu esta entrevista à *Revista da Intercom*.

Nordenstreng começou sua vida profissional em 1956 como jornalista freelancer na Finnish Broadcasting Company, onde no

início da década de 1960 passou à função de editor de programas juvenis e entre 1967 e 1971 atuou como coordenador do grupo de pesquisa de planejamento. Em meados dos anos 1960 também iniciou a carreira acadêmica como professor do curso de Jornalismo e Comunicação de Massa da Escola de Ciências Sociais, mais tarde incorporada pela Universidade de Tampere. Nas décadas de 1970 e 1980 foi professor visitante de universidades nos Estados Unidos, no Canadá e na antiga Tchecoslováquia. Por duas ocasiões participou de missões da Unesco: em 1972 esteve na Malásia como especialista em pesquisa de audiência e em 1981 na Tanzânia como especialista em comunicação internacional.

Na Finlândia exerceu, entre outras funções, os cargos de presidente da Associação Finlandesa de Pesquisa em Comunicação de Massa; de coordenador da Comissão do Ministério da Educação para a Formação em Jornalismo; de conselheiro do Instituto Finlandês para Assuntos Internacionais; e de coordenador para a área de Ciências Sociais do Projeto Nacional de Reforma Acadêmica estabelecido pelo Ministério da Educação. Foi um dos fundadores do Nordicom – Centro Finlandês de Informação para a Pesquisa de Mídia e de Comunicação.

No campo internacional, esteve entre os fundadores do Grupo Europeu de Pesquisadores de Audiência (GEAR); foi membro do Grupo de Consultores em Pesquisa de Comunicação da Unesco entre 1971 e 1976; vice-presidente da IAMCR entre 1972 e 1988; e presidente da Organização Internacional de Jornalistas (IOJ) de 1976 a 1990. Em 1998 recebeu o prêmio Euroaward em reconhecimento às conquistas relevantes e ao sucesso das suas iniciativas na área do ensino de Jornalismo. Desde 1973 orientou mais de uma dezena de teses de doutorado na Universidade de Tampere, onde atualmente supervisiona o trabalho de pesquisa de cinco estudantes de doutorado.